



Puthos, porém sem a devida correção monetária, característica desta modalidade de moeda.

Porém não sejamos injustos: o cidadão comum também faz muito uso desta modalidade monetária. Estelionatários a utilizam muito na preservação de seus lucrativos negócios. Encontramos na grande imprensa escrita, falada e televisiva, a descrição de fatos envolvendo indivíduos de boa fé que acreditaram em certos tipos de propaganda ou mesmo de promoções para enriquecimento fácil e que, ao colocarem os seus Imperiais no investimento ficaram sem o Putho.

Nas mais diversas modalidades de loterias, a serviço da comunidade, característica típica de países ricos e de economia sólida como o nosso, todos os dias o cidadão de boa índole aplica suas economias contando com a sorte de conseguir retornar o investimento e ganhar alguns ou muitos. Na sua quase totalidade todos ficam sem ver a cor do Putho.

Na área médica, um dos setores de grande agitação econômica, o Putho é muito utilizado. Eu diria até que é neste setor que o Putho tem seu maior espectro de aplicação.

O modelo assistencial colocado à disposição do cidadão, por opção go-

vernamental, e como reflexo da forma competente como saúde é tratada neste país imaginário, e com o objetivo de substituir o preceito de lei de que "saúde é um direito do cidadão e uma obrigação governamental", os cidadãos são instados a comprar seus planos de assistência médica oferecidos pelas seguradoras, cooperativas e medicinas de grupo, modelo sobejamente conhecido pela comunidade profissional.

O governo dá pouco ou quase nada. Gerencia da sua maneira e intenção o dinheiro dedicado à saúde. Para o atual custo de uma medicina de qualidade representa muito pouco. Grande parcela da comunidade, por sua conta e risco, adquire planos de saúde. Ficam obrigados a pagamentos mensais em datas previstas para terem o atendimento profissional quando de suas necessidades. Quando não respeitam os prazos perdem o direito de atendimento. Ficam obrigados a pagamentos de multas e correções e passam por um período de quarentena em que têm o seu direito de atendimento suspenso. Nestes momentos há a necessidade de muita reza para que não seja acometido, ele ou seus familiares, por uma enfermidade ou mesmo por uma situação de emergência clínica ou cirúrgica. Se, por sentimento de fé ou amor ao próximo o médico atendê-lo nas condições de "momentânea inadimplência", nestas condições, este, ou seja, o profissional, é quem ficará sem o Putho no final do mês.

Com alguma frequência os médicos perdem seus credenciamentos, na maioria das vezes de forma unilateral por parte das contratantes e sem qualquer tipo de explicação. Em muitas destas vezes, devido à maneira de agir destes profissionais, eles ficam sem receber o Putho das compradoras. Nestas situações, quando os credenciamentos são cancelados,

os médicos passam a atender na forma de reembolso, ou seja, o paciente paga ao profissional o valor de seus honorários e deve ressarcir de seu convênio médico os valores cobrados pelo atendimento. Esta deveria ser a única e mais eficaz forma do médico atender à comunidade: o paciente lhe pagaria os valores constantes de uma tabela de procedimentos e este iria contatar sua empresa de assistência para ter o reembolso que lhe é de direito. Mas isto infelizmente não é a realidade.

Nos casos em que o médico perde o credenciamento ele pode continuar a atender os associados pela modalidade do reembolso. É aí que a coisa pega: o habitante deste país imaginário aprendeu que deve obrigações apenas ao seu plano de assistência médica, pois senão perde os direitos. O médico é apenas uma das peças desta engrenagem. Neste país há muito tempo a comunidade perdeu o costume de pagar médico.

O paciente tira o Putho para pagar o táxi que fica à sua disposição na porta do consultório médico, pois ele não quer se dar ao trabalho de dispensá-lo para tomar outro na saída, e ainda faz pressão para que seja rapidamente atendido "pois o táxi está esperando!". Muitas vezes o que ele paga pelo táxi excede em muito o valor do procedimento médico que poderia pagar com o Putho. Ainda mais: O paciente tira o Putho para pagar o motoqueiro que lhe irá entregar o procedimento a domicílio. Porém:

"O habitante deste país imaginário não tira o Putho do bolso para pagar o médico."

Dr. Luiz Karpovas

*é diretor
do Boletim
do CBR e
Secretário
do CBR*